

Estudos pós-graduados e pesquisa em literatura:
condições e necessidades

Graduate studies and research in literature: conditions
and needs

Los estudios de posgrado y la investigación en la
literatura: las condiciones y necesidades

Alamir Aquino Corrêa, doutor em Literaturas Hispânicas pela *Indiana University* e professor associado de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira na Universidade Estadual de Londrina. Endereço: Rua Rubens Carlos de Jesus, 111, casa 27. CEP: 86055-240 – Londrina, PR. Telefone: (43) 3326-0728. E-mail: correa.alamir@gmail.com.

Resumo

Este texto trata de algumas inconsistências no sistema de pós-graduação em estudos literários no Brasil, em seus aspectos materiais e circunstanciais, tendo como gabarito comparativo a atividade acadêmica similar nos Estados Unidos. Há uma discussão a respeito do crescimento do estado da arte e de seu papel (in)formativo, como também se analisam as revistas acadêmicas enquanto produto utilizado para a avaliação da pós-graduação. Finalmente, pondera-se sobre o valor, a circulação e a recepção da pesquisa, que sustenta o debate acadêmico na área de estudos literários. As condições e as necessidades da formação pós-graduada e da pesquisa analisadas aqui podem também ocorrer na grande área de humanidades.

Palavras-chave: Pesquisa e Pós-Graduação. Estudos Literários. Estado da Arte.

Abstract

This text deals with some inconsistencies in literary studies concerning the material and circumstantial conditions of the graduate system in Brazil. Similar academic activities in the United States serve as the comparative standard. The article discusses the growth of the state of the art and its (in)formative role. It also analyzes academic journals as a product used to evaluate the graduate programs. Finally, it ponders about the value, circulation and reception of the research that supports the academic debate in literary studies. The conditions and needs of graduate education and the research analyzed here can also occur in the humanities as a whole.

Keywords: Research and Graduate Studies. Literary Studies. State of the Art.

Resumen

Este texto aborda algunas inconsistencias en el sistema de posgrado en estudios literarios en Brasil, en lo que se refiere a sus aspectos materiales y circunstanciales, teniendo como estándar comparativo semejante actividad académica en los Estados Unidos. Se discute el crecimiento del estado del arte y de su papel (in)formativo, así como se analizan las revistas académicas como un producto utilizado para evaluar los programas de posgrado. Por último, se propone una reflexión sobre el valor, la circulación y la recepción de las investigaciones que apoyan el debate académico en el campo de los estudios literarios. Las condiciones y las necesidades del posgrado y de la investigación aquí revisada también podrían ocurrir en la gran área de las humanidades.

Palabras clave: Investigación y Posgrado. Estudios Literarios. Estado del Arte.

Introdução

A proposição geral deste texto é fazer uma análise conjuntural da situação da área de estudos literários, apontando suas condições de trabalho e as necessidades a serem atendidas para a sua melhoria. Tratarei de elementos diversos, como a observação do estado da arte na propositura de projetos de pesquisa e de construção de dissertações e teses, as facilidades de acesso ao *corpus* crítico, as revistas da área e sua política de publicação, os mecanismos de avaliação da produção acadêmica e seus efeitos, a circunstancialidade da convivência pós-graduada. A ideia é provocar a reflexão, especialmente naqueles que irão estar à frente da pós-graduação em estudos literários nos próximos anos.

O estado da arte e a pesquisa

A questão da pesquisa acadêmica precisa ser observada por meio do estado da arte, especialmente quando se busca compreender a oportunidade de realização de uma proposta de pesquisa de um pesquisador ou de um pós-graduando. Em tese, cada um desses agentes precisa do outro de maneira intercomplementar e, por vezes, é difícil estabelecer exatamente o seu limite de separação, na maioria das áreas do conhecimento. As universidades e as agências de fomento tendem a perceber todas as áreas a partir da pesquisa das ciências duras e da vida, que usa da autoria múltipla, em que prevalece a hierarquia de espaços e tarefas. Em símile, têm havido algumas boas iniciativas na grande área de Letras, particularmente nos estudos da linguagem, ao redor de objetos de maior porte que exigem um grupo razoável de pesquisadores. Entretanto, nas humanidades, a tradição acadêmica privilegia a individualidade de pensamento e de expressão, algo que pode causar dificuldades de acomodação dos pesquisadores da área às políticas de fomento federais, estaduais e, possivelmente, das próprias universidades.

Qualquer pesquisa precisa observar o passado, no sentido de saber o que se fez ou o que se disse sobre um assunto, demonstrando

que haverá uma contribuição aditiva ou adversativa ao estado da arte. Em várias áreas, usa-se o termo revisão de literatura e há em algumas áreas cursos de mestrado que aceitam tal recolha (analítica e/ou sintética) como texto de conclusão. Assim, o mestrado se torna um preparo da pesquisa a ser realizada no doutorado, por meio da compilação do estado da arte, algo que serve ao aluno como treinamento de acesso a fontes e pode futuramente auxiliar outros que não mais necessitam de visitar o estado da arte por ele condensado. A crescente disponibilização dos bancos de dados e o seu acesso cada vez mais frequente pelos estudantes e pesquisadores, particularmente por meio do Portal de Periódicos da Capes, têm tornado tal tarefa bastante simples e rápida no sentido de recolha das fontes.

Na área de literatura, muitos dos nossos pesquisadores, desde o início do século XX, fizeram sua recolha do estado da arte lendo minuciosamente catálogos de bibliotecas, ficha após ficha, dependendo sempre da habilidade de catalogação das bibliotecas e do seu acervo. Em várias bibliotecas, por um lado, o balcão de referência era fundamental para a recolha de fontes secundárias; por outro lado, os orientadores também serviam de fonte, por meio de suas memórias muitas vezes prodigiosas, mencionando aqui a título de exemplo os professores universitários Teófilo Braga, Rodrigues Lapa e Vítor Manuel de Aguiar e Silva. Hoje, as ferramentas de busca são cada vez mais especializadas e com resultados igualmente mais profícuos. Ao lado das bases de dados mais antigas e com maior tempo de influência (*MLA International Bibliography* e *os Who's Who*), hoje há vários repositórios de larga importância (*Academic OnFile*, *Arts and Humanities Citation Index*, *Art Full Text*, Banco de Teses da Capes, *Handbook of Latin American Studies*, *Humanities Full Text Periodicals Index Online*, JSTOR e o *Project MUSE*), embora alguns ainda não estejam disponíveis no Portal de Periódicos. Igualmente importantes são as ferramentas *WorldCat*, *Google Books* e *Google Scholar*, além do sítio francês *fabula.org*. Claro está que há coleções específicas, como, por exemplo, na área de estudos clássicos ou de estudos comparados.

O Banco de Teses da Capes, em que pode ser encontrado o que foi produzido nos últimos 25 anos pela pós-graduação brasileira,

facilita tanto a pesquisa quanto a sua publicação. Entretanto, parece que falta informação sobre essa ferramenta, o que prejudica muito o desenvolvimento dos estudos da área; uma consulta ao Banco de Teses confirma que vários trabalhos de conclusão na área são similares em objeto, método, resultados e, por vezes, até em seus títulos, por vezes separadas as datas de defesa por três ou quatro anos entre si. Ou o Banco de Teses não serve o seu propósito ou falta rigor no reconhecimento do estado da arte. Na outra ponta de atuação da Diretoria de Avaliação da Capes, podem ser encontrados os cadernos de indicadores dos Programas de Pós-Graduação (PPG), que também auxiliam junto com a plataforma LATTES a consulta ao estado da arte; entretanto, como a alimentação dos dados depende dos PPG, muitas vezes as informações não estão completas, tanto na produção de livros quanto na de artigos em periódicos.

Salta aos olhos o fato dessas ferramentas apontarem para um enorme repositório de fortuna crítica, resultado da leitura e da catalogação de artigos, resenhas, teses e dissertações, mas que ou não é consultado pelos estudantes de pós-graduação ou não é usado como suporte para a redação da revisão de literatura. Parece prevalecer uma aura de desprezo ou desconforto, especialmente de pesquisadores, para com o ferramental informático; há duas hipóteses – uma subserviência ao papel impresso e uma desconfiança da qualidade do material que está disponível na internet, sendo subjacente o estranhamento de vários pesquisadores com o ferramental informático. A sétima edição do *MLA Handbook for Writers of Research Papers* (2009) inova ao exigir que todas as entradas de fontes sejam identificadas por seu meio (impresso em papel, cd-rom, filme, hipertexto, etc.), destruindo o poder do material impresso como fonte primária e autorizante. A desconfiança está fundada em conceito de valor sobre o filtro da circulação de conhecimento (editores, pareceristas, consultores), algo que em tese não aconteceria no material digital, mas que, ao fim, no material impresso, acaba também passível de descrédito pela coleta de informações errôneas ou de revisores pouco atentos.

Os periódicos acadêmicos

É importante assinalar que a publicação de artigos tem sido largamente incentivada pela Diretoria de Avaliação da Capes. Exceto feito ao que pode ser buscado pelos indexadores dos periódicos nacionais ou por meio da base LATTES, a maior parte da produção científica sobre literatura feita pelos periódicos brasileiros ainda carece, entretanto, de um mecanismo ameador de informações.

Nos termos da proposta de alavancagem internacional da produção intelectual brasileira, enfatizada especialmente por Renato Janine Ribeiro (que insistia na publicação em inglês) na Diretoria de Avaliação da Capes, com vistas à maior exposição da ciência nacional no estrangeiro, criou-se uma “quase que” síndrome opressiva da publicação em periódicos, ou seja, aumentou-se o número de periódicos com publicação regular pelos PPG como forma de cumprir a meta de produtividade numérica por docentes e discentes. Mas surgem outros problemas: qualidade da produção, excesso de demanda junto aos pareceristas, distribuição, armazenamento, maior dificuldade temporal dos pesquisadores para estar em sintonia com o estado da arte. A tendência será o fenecimento de revistas ou sua fragilização editorial, em prol de resultados numéricos.

No âmbito das comissões de avaliação de área e na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll), surgiram propostas de critérios que favoreceriam a publicação em parceria (no caso de estudantes e orientadores, fugindo à tradição da área no Brasil e no exterior) e a aceitação inicial de textos com base na titulação doutoral dos autores. A qualidade da produção fundada na ponderação longa e cuidada, de tal sorte que haja um acréscimo real ao estado da arte, parece ainda não estar contemplada.

Apesar das revistas terem aumentado sua especialização por meio de chamadas temáticas, é importante que continue a haver espaços para textos que fujam ao caudal maior dos estudos literários, pois têm predominado os estudos sobre literatura brasileira contemporânea (isto é, pós-1970), os estudos culturais, pós-modernos

e pós-coloniais. Como anota Maria Glória Bordini, há uma “emergência das investigações sobre as produções das minorias, das etnias tradicionalmente desconsideradas, na negação dos essencialismos” (2004, p. 200). Com certeza, há muito ainda a ser estudado sobre o nosso passado literário, e a ausência de maior número de interessados sobre a literatura produzida antes de 1970 pode levar a um esvaziamento generalizante nos cursos de Letras sobre o assunto. Há de se observar que textos absolutamente clássicos, como *A Ilíada*, continuam a ser revisitados e com compreensões cada vez mais amplas; se houver uma cegueira nos cursos de pós-graduação em literatura sobre o nosso passado, os resultados serão imprevisíveis.

Anote-se que as chamadas temáticas são em geral pouco explícitas, com títulos grandiloquentes, em que cabe praticamente tudo, sem discussão provocativa por meio de ementas. Idealmente, deveria ser incentivada a criação de revistas temáticas a partir dos caminhos decididos pelas linhas de pesquisa dos PPG. Quer dizer, é necessária uma coerência entre o financiamento de revistas e as linhas de pesquisa que os próprios pares consideram importantes.

A produção e seu valor

Aqui é necessário estipular outro paradoxo – a publicação e sua circulação, dentro do que Antonio Candido convencionou como literatura como sistema, no sentido de construção de uma tradição, no caso em tela, da crítica literária. A publicação de textos críticos segue o parâmetro aferidor de produção da Capes, que figura como uma guilhotina pairando sobre cabeças e PPGs; entretanto, raramente se lê um texto crítico que responda a outro texto publicado anteriormente. É raro o uso desse material como suporte de produção de dissertações e teses. Ficamos assim em um círculo inócuo – o da produção quantitativa como forma de avaliação e não a sua qualidade adensadora do conhecimento. Essas publicações em periódicos precisam gerar o seu efeito fundamental: a recepção crítica e a sua incorporação ao estado da arte utilizado nos cursos de graduação e de pós-graduação na área.

A ausência de um repositório aglutinador (como o *MLA International Bibliography*) gera certa desconfiança sobre a oportunidade de uma publicação periódica. Tenho visto textos publicados em vários lugares no mesmo ano ou textos publicados duas vezes na mesma revista em anos diferentes; um catálogo (ou como se fazia antes, um anuário bibliográfico) exporia tais fragilidades, evitando-as no futuro. A circularidade de informação fica interrompida, faltando um crivo que organize e dê maior qualidade ao estado da arte. Se o texto é produzido, precisa chegar ao público leitor; este deve acatar ou responder a ele, perenizando a sua qualidade ou corrigindo-a em nome do progresso do estado da arte. Ao se fazer exclusivamente o *publish or perish* dos PPG e dos pesquisadores (que precisam de continuidade de produção para continuar nos sistemas de fomento), está sendo deixado de lado o crescimento da ciência.

Além da necessidade ou obrigatoriedade de produção científica, cria-se uma noção de qualidade de locais por meio do Qualis de periódicos. A forma de avaliação de qualidade parece subjetiva, pois resulta do número de indicações feitas pelos PPG e não da forma de avaliação dos artigos e da regularidade de sua publicação. Mesmo que se possa traduzir como um índice de impacto, a presença de um periódico no *top of mind* dos pesquisadores em literatura (e não a quantidade de referências cruzadas, sistema que também tem suas falhas) depende de quais fatores? Sua disponibilidade em papel ou em formato digital, sua projeção comercial, seus mecanismos de marketing, seus convites para parecer, seu local de produção?

Em país continental, com diferenças históricas e geográficas na distribuição dos PPG, corremos o risco de desconhecer ou desvalorizar a produção geograficamente “periférica”. Em *The New Black*, o psicanalista Darian Leader aponta como problemático o impacto das pesquisas financiadas por empresas farmacêuticas (que financiam a distribuição de excertos na comunidade da saúde) quando comparado àquele de um pesquisador “periférico” (2009); por analogia, o elemento comercial ou de marketing da obra crítica vinculada a algumas instituições tem muito maior peso e respeito do que qualquer texto publicado na “periferia”. Muitos PPG têm procurado sair desse

“buraco negro”, por meio de uma terminologia pouco convincente, mas que norteia o grau de reconhecimento da produção. Em eventos da área, há uma hierarquia de qualidade por meio do nome, sendo os mais importantes o evento internacional ou brasileiro e, em segunda plana, o evento regional ou estadual. O hábito (ou o nome) parece fazer o monge.

A questão dos números temáticos elencada anteriormente também acaba por influenciar a qualidade da produção de um pesquisador. Em um parecer, aventava-se que a produção de um pesquisador era regular, em boa quantidade, mas não acontecia nos principais periódicos da área. A história da presença e da qualidade dos periódicos da área de literatura por meio do *Qualis* demonstra uma grave oscilação, com alterações de nível bastante substantivas. E se os “principais” periódicos não escolhem como tema o assunto de interesse do pesquisador, este se torna alguém da periferia, logo desimportante? As revistas ou periódicos encontraram um filão (as chamadas temáticas) para atrair a atenção dos pesquisadores e alunos de pós-graduação interessados em se manter com grau de produtividade no indicador 1; mas o tema ou o dossiê sinaliza, desde sempre, uma decisão absolutamente subjetiva, tornando-se *mutatis mutandis* símile das revistas sobre celebridades e telenovelas que buscam evidenciar somente as tendências do momento.

Os estudos monográficos (dissertações e teses) também caem no mesmo redemoinho da produção incessante e insana. Exceto feito aos programas com maior influência política em suas editoras universitárias (o que poderia caracterizar endogenia), os termos *summa cum laude*, “distinção e louvor” e “recomendação para publicação” usados nas atas de defesa caem no vazio. É muito raro encontrar um texto de conclusão de curso que chega ao mercado editorial – e a razão é a mais simples: faltam mercado, cultura livresca e orçamento nas universidades. O recente texto de Robert Darnton, diretor da *Harvard University Library*, intitulado *The Library: Three Jeremiads* (2010) e publicado no *New York Review of Books*, demonstra que também ao norte do Equador a situação é a mesma – faltam recursos para a compra e, conseqüentemente, fica inviabilizada a produção de livros

e periódicos. No mesmo bordão, lá também ficam sem espaço os estudos monográficos, motivo de júbilo familiar e social, mas que não chegam a ser incorporados (com raras exceções) ao estado da arte.

Várias agências federais e estaduais de fomento têm incentivado, por meio de editais, a publicação de periódicos (e por vezes de livros), diminuindo o peso da venda de assinaturas, favorecendo a publicação de textos que não interessam às indústrias economicamente prevalentes e garantindo o conceito do *copyleft* ou do *creative commons*. Observa-se, também, que há intensa efervescência dos debates sobre direito autoral e sobre produtos (artigos ou livros) oriundos de subvenções públicas. Algumas editoras universitárias públicas também acabam participando agonicamente desse processo, muitas vezes sem uma completa compreensão da subvenção pública de publicações, tentando garantir lucro (mesmo que seus custos de edição em geral sejam já pagos por recursos públicos) e “pagando” direitos autorais simbólicos aos pesquisadores. A questão intrínseca do valor financeiro do conhecimento produzido e dos processos de autopromoção parece explicar esse último comportamento, em descompasso com a discussão acadêmica internacional sobre o retorno à sociedade que sustenta as entidades públicas.

Acesso ao conhecimento

Nos Estados Unidos e no Canadá, os grandes compradores das editoras universitárias são, pela ordem, as bibliotecas universitárias, os docentes (embora usem mais as coleções universitárias) e depois os alunos, quando o livro se torna material didático. Tais casas editoriais subvencionam encontros profissionais e fazem larga distribuição de cópias de avaliação aos docentes. Tais práticas no Brasil são ainda tímidas, sendo que nossas associações profissionais barganham com livrarias e editoras somente a confecção de faixas e de pastas dos congressos. O pequeno volume de vendas talvez justifique o comportamento das entidades comerciais. Entretanto, há um imenso mercado a ser explorado, o que em escala diminuiria os custos de produção e de distribuição (sem tocar no assunto *publish on*

demand, que deveria ser o grande caminho para a maior circulação de conhecimento entre universitários, que gastam quantias inimagináveis em cópias nos Diretórios Centrais dos Estudantes e em congêneres).

O grande entrave para o acompanhamento do estado da arte no Brasil, se observado apenas o meio livro, afirma-se nas conversas durante eventos na área, seria a relação entre o custo do livro e o salário do docente. Nos Estados Unidos, o salário inicial de um docente em Humanas é de 45 mil dólares anuais e um livro acadêmico custa, em média, 39 dólares (a partir da média de preço de livros disponíveis na página de crítica de literatura americana da *Harvard University Press*¹); no Brasil, um professor doutor em uma Instituição Federal de Ensino Superior (Ifes) ganha inicialmente 89 mil reais por ano e um livro acadêmico custa por volta de 66 reais (média do preço de lançamento, consultada a livraria da Edusp²); ou seja, um docente americano gastaria 0,86% de seu salário bruto anual para adquirir 10 livros por ano e um docente brasileiro gastaria 0,74%. A Receita Federal deveria permitir o abatimento da compra de livros no imposto de renda como despesa profissional.

A comparação anterior abre margem para a discussão das condições materiais de pesquisa, no sentido de elencar a qualidade da pesquisa e da pós-graduação. É necessário também discutir a diferença entre as soluções brasileira e norte-americana para a pesquisa bibliográfica, em especial aquela dos estudos literários.

Em anotação incidental, registro que o tradicional percurso de perenização do conhecimento (comunicação, anais, periódico e livro) está a perder o seu sentido, em razão das páginas pessoais, das edições digitais dos anais (e não mais em cd-rom, que acabava perdido em gavetas e pastas) e dos e-livros. Essa nova postura de socialização do conhecimento também está a diminuir o peso dos pareceristas, muito embora a atitude de verificação de conhecimento sempre prevaleceu mesmo diante do material impresso; não é o meio que dá qualidade ao conhecimento, e mesmo autores com elevado grau de autoridade acadêmica cometem erros e pecadilhos editoriais.

¹ <http://www.hup.harvard.edu/results-list.php?hcid=20>

² <http://www.edusp.com.br/livrolanc.asp>

Não há dúvida sobre o grande manancial de estudos literários em inglês, francês, alemão e espanhol, sem que tais fontes cheguem traduzidas aos leitores brasileiros. É de se notar também que os estudos comparados geralmente têm o seu estado da arte definido por artigos e livros publicados em inglês e em francês. O acesso a material em outra língua com certeza amplia o conjunto de horizontes para a sedimentação do estado da arte. Mas além da possibilidade de leitura do material primário e secundário, é crucial que haja o acesso a tais fontes.

O Portal de Periódicos se tornou a grande ferramenta de acesso, viabilizando, principalmente por meio do JSTOR, a consulta de textos em periódicos; há de se anotar também que as posturas políticas de acesso à riqueza das bibliotecas têm permitido a leitura de obras anteriormente distantes da maioria dos estudantes brasileiros em qualquer ponto de acesso à internet. Os vários repositórios eletrônicos, tais como a Biblioteca Nacional Digital³, a Biblioteca Nacional de Portugal⁴ (por meio de suas coleções digitalizadas), o *Internet Archive*⁵, *The Latin Library*⁶, além da recente, riquíssima e digital Brasileira da USP⁷, permitem o acesso a fontes expressivamente importantes para os estudos literários.

Qualquer pessoa com acesso à internet terá condições de ler tais obras, publicadas por autores com falecimento até 1940, se digitalizadas (esse é um esforço que aos poucos começa a se tornar menos hercúleo). Para aqueles interessados em fontes e críticas publicadas até tal data (em razão dos direitos autorais), basta método e formação. Mas fontes primárias e secundárias cujos direitos autorais ainda estão em vigor só podem ser acessadas em bibliotecas públicas e particulares. O maior conjunto de crítica literária foi publicado após o maior crescimento da pós-graduação brasileira, ou seja, pós-1980. Assim, estudantes e pesquisadores dependem sobremaneira das bibliotecas. E aqui reside o maior problema da materialidade, ou seja, as condições efetivas em tempo e espaço que favorecem ou não o pesquisador em seu trabalho.

O primeiro grande obstáculo está no incremento das coleções existentes, em razão da Lei Federal n° 8.666/93, que instituiu normas

³ <http://bndigital.bn.br/>

⁴ <http://purl.pt/index/general/PT/index.html>

⁵ <http://www.archive.org/about/about.php>

⁶ <http://www.thelatinlibrary.com/>

⁷ <http://www.brasiliana.usp.br/>

para licitações e contratos da Administração Pública, seguida por vezes por legislações estaduais com um maior nível de rigor. Quer dizer, a compra de novos títulos (quando há recursos) passa pelo imenso e cuidadosíssimo crivo das assessorias jurídicas e financeiras das Instituições de Educação Superior (IES) públicas, especialmente preocupadas com as fiscalizações dos tribunais de contas. Nesse particular, é importante ressaltar que as vantagens conseguidas pela Lei Federal nº 10.753/2003, que instituiu a Política Nacional do Livro, especialmente o seu art. 18 (“Com a finalidade de controlar os bens patrimoniais das bibliotecas públicas, o livro não é considerado material permanente”), por vezes são eliminadas pela compreensão dos tribunais de contas sobre o caráter da licitação de livros como material permanente e não de consumo. Há instituições que percebem como material de consumo o livro comprado para um projeto de pesquisa e como material permanente o livro comprado para uma biblioteca. Por força de algumas inteligências institucionais, ocorrem três situações que afetam diretamente a melhoria do acervo de pesquisa: (a) setores de compra que valorizam a aquisição de livros “com cheiro de novo”; (b) a prioridade de construção de bancos de livros para a graduação em detrimento da coleção de pesquisa; e (c) a dificuldade imposta pelos setores financeiro, jurídico e bibliotecário para a aquisição de obras usadas ou de coleções particulares.

O segundo (e maior) obstáculo é o tamanho das coleções disponíveis para os PPG em estudos literários. Consultados os cadernos de indicadores 2009 da base de dados da Capes⁸, verifiquei que raramente há dados numéricos sobre o número de obras disponíveis. Geralmente, as informações do campo “Proposta do Programa – Infraestrutura – Biblioteca (P-PG-09)”, quando específicas, resultam de dados preparados por uma bibliotecária por meio de consulta a um sistema genérico e não indicam com precisão o tamanho do acervo na área; há uma grande preocupação em listar a área da biblioteca, o tempo de construção, o número de pessoas sentadas e o número de empréstimos. Dificilmente, consegue-se compreender o significado de tais informações como acervo de pesquisa pós-graduada, misturando o número de títulos de periódicos com o número de exemplares ou de fascículos. A título exemplificativo, listo os acervos de livros

⁸ http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/cadernoavaliacaooservlet?acao=filtrararquivo&ano=2009&codigo_ies=&area=41

mencionados pelas seguintes PPG em estudos literários nas IES: Universidade Estadual de Campinas (105.750), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (51.026), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Câmpus de São José do Rio Preto (36.333), Universidade Federal de Santa Maria (19.000) e Universidade Estadual de Londrina (15.000). Em alguns casos, o acervo de bibliotecas universitárias é mencionado, sem a indicação de áreas abrangidas. Quando se faz a comparação com bibliotecas universitárias norte-americanas, claramente há um descompasso abissal. Mas, considerada a qualidade específica das coleções em português existentes no Brasil, tal diferença pode ser menor.

O que causa maior espécie é que não dispomos no Brasil de uma estrutura de empréstimo entre bibliotecas universitárias. O *Interlibrary loan* norte-americano imediatamente potencializa a disponibilidade de fontes, especialmente porque também faz parte do conjunto o imenso acervo da *Library of Congress*. Na experiência que tive junto à construção de projetos institucionais submetidos a editais de infraestrutura de pesquisa da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), por inúmeras vezes senti-me pulverizado pelo valor das solicitações de várias áreas de estudos. Um único equipamento comum (um ultrafreezer) usado em laboratórios permitiria comprar facilmente 10% do acervo bibliográfico em estudos literários da Universidade Estadual de Londrina (UEL). O acervo da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) na área vale, em cifras gerais, menos do que a UEL conseguiu em um único edital da Finep (2009/1). Ou seja, nosso objeto de consumo (ou permanente) a ser usado na pesquisa é muito barato, mas recebe pouco ou nenhum apoio dos editais de infraestrutura de pesquisa. Idealmente, seria importante um projeto de sustentação financeira dos empréstimos entre bibliotecas (pelo menos no nível regional), para que se alavancasse a qualidade das fontes consultadas para a pesquisa na área. Seria importante que nossas associações profissionais e as coordenações dos PPG atuassem junto a pró-reitorias e a agências de fomento, de forma que se entendesse a necessidade de implementação de melhor infraestrutura compartilhada de pesquisa, que se funda tradicionalmente no livro, mesmo que ressalvado o papel dos periódicos.

Outra solução seria o intercâmbio ou a mobilidade de estudantes. Algumas instituições têm sido agressivas na proposição de programas de pós-graduação fundados na mobilidade ou na integração, com resultados positivos e negativos. É fato importante na formação do estudante a sua presença em laboratórios consolidados; também soa viável a mobilidade de docentes, algo que aos poucos começa a ser compreendido pelas agências de fomento por meio dos programas de professores visitantes. Se tais circunstâncias de acesso se fazem vitais nas áreas dependentes de laboratórios e de experientes cientistas com procedimentos muitas vezes protegidos intelectualmente, na área de estudos literários a mobilidade de docente é importante também; igualmente, o acesso do estudante a outros acervos se torna primordial, se pudermos em algum momento estabelecer uma política de fomento à pesquisa em estudos literários ou, para não advogar em causa específica, em humanidades.

Nesse particular, talvez isso já se faça de uma forma ou de outra, especialmente por meio do Programa de Apoio à Pós-Graduação (Proap) e da chamada pesquisa de campo e dos editais de professores visitantes (Capes, CNPq e agências estaduais de fomento). A questão tem outros fundamentos: o volume de concessões, a velocidade e o espectro de tal influência e o número de estudantes afetados. O gigantismo do Sistema Nacional de Pós-Graduação inibe para muitos qualquer proposta de incremento ou de melhoria de editais dessa ordem. Entretanto, é necessário considerarmos o papel de uma geração inteira de pesquisadores e professores universitários para a continuidade de nossos esforços. Há grave risco de um empobrecimento na formação desses futuros agentes universitários atuantes em pesquisa e ensino, pois as condições de acesso às fontes primárias e secundárias são muito diferentes entre o que se pode considerar como eixo e periferia.

A produção do conhecimento e sua recepção

Chego, assim, ao item mais problemático dessa digressão. E aqui será necessário tocar no aspecto das bolsas no exterior, tanto para pós-graduandos quanto para docentes. A vivência pós-graduada,

tanto no seu aspecto formativo quanto naquele socializante, depende de uma efervescência ou daquilo que se convencionou chamar ímã acadêmico (*academic magnet*); aliás, as várias reformas universitárias que procuraram retomar os cursos seriados se fundaram nesse princípio de educação compartilhada e comunitária. A ideia da circunstancialidade também segue o mesmo raciocínio; ou seja, o pós-graduando e o pesquisador, mesmo que se defenda a questão da sensibilidade individual, precisam conviver com seus pares, participar de atividades de mútua inteligência (como os vários simpósios e seminários), criando redes de suporte acadêmico.

Quando se observa a pós-graduação feita em deslocamento, resultado do esforço individual e, por vezes, institucional para a formação de quadros docentes, percebe-se que pouco participa o estudante das outras atividades proporcionadas pelos PPG. Essa atitude resultante das condições familiares e geográficas acaba por tornar os alunos pouco íntimos das estruturas de pesquisa disponíveis e das outras oportunidades de convivência com outros alunos e professores. São poucos os programas que usam de mecanismos de obrigatoriedade de presença em atividades que não sejam as aulas. Mesmo o requisito da residência do bolsista na cidade onde está localizado o PPG pode ser facilmente contornado em termos burocráticos.

A opção por doutorados com poucos créditos em disciplinas também evita a maior convivência entre alunos e professores, bem como inibe o compartilhamento de saberes, que é fundamental uma formação escolar mais ampla dos pós-graduandos. Mesmo os grupos de pesquisa tão incentivados pelo CNPq apresentam-se raramente como convivência diária, embora haja esforços de reuniões e programas de leitura comunitária; quando efetivos, resultam em excelentes núcleos de pesquisa, envolvendo desde graduandos até pesquisadores em estágio pós-doutoral.

Em geral, o estágio atual das coleções digitalizadas e do Portal de Periódicos propicia o acesso a obras, sendo pouco necessário o deslocamento para outras localidades, quando o material a ser

consultado foi publicado por autores falecidos até 1940. As coleções específicas, especialmente aquelas com manuscritos e periódicos antigos, tornam-se o contraponto a exigir o deslocamento. Mas a propositura de apoio a tal pesquisa exige do pesquisador um conhecimento prévio da coleção, circunstância que muitas vezes não se faz pela ausência de descritores apropriados das bibliotecas a serem visitadas. É fundamental que um pesquisador ou um pós-graduando interaja com outros pesquisadores, ou seja, a rede de suporte acadêmico é a maneira viável para a diminuição de custos e o cumprimento de prazos de conclusão. Quando se olha o cabedal de informações consultadas por Jaime Cortesão (1956), em sua monumental obra *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*, tem-se noção de que a pesquisa em nossa área demanda tempo, esforço, paciência e principalmente recursos humanos e financeiros. Claro está que poucos trabalhos precisam do acesso a tantos repositórios como o caso de Cortesão; entretanto, há de se observar que a biblioteca universitária a que está vinculado um PPG poucas vezes é suficiente para a pesquisa pretendida. Físicos, químicos e biólogos visitam outros centros de pesquisa para efetuar experimentos, conhecer técnicas ou aprender a usar novos equipamentos; em símile, a pesquisa em literatura demanda visitas a outros centros. O difícil, entretanto, tem sido demonstrar a necessidade da visita. Em um projeto que li, argumentava-se que era necessário ir aos Estados Unidos, pois há mais de 15 anos estava o proponente afastado da leitura das fontes; quer dizer, o argumento foi pouco convincente em razão do facilitado acesso a fontes digitalizadas. Nossa área precisa de argumentos mais sólidos e de uma socialização das formas de convencimento.

Para muitos, especialmente aqueles com vínculos acadêmicos com línguas estrangeiras, torna-se mais fácil a sustentação de propostas de deslocamento ao exterior. Para outros, soa estranho que um pesquisador precise estar fora do Brasil para realizar um projeto sobre literatura produzida no Brasil; entretanto, as condições materiais para a pesquisa, em alguns países, são geralmente muito melhores que no Brasil. Não há dúvida que a convivência com outros pesquisadores enseja novas percepções comparativas. Para alunos de pós-graduação, um ano no exterior pelo doutorado sanduíche é uma

experiência ímpar, especialmente pela contínua provocação acadêmica existente e pelas coleções excepcionais de fontes primárias e de fontes teóricas secundárias. Mas urge a melhoria das condições materiais e da circunstancialidade da convivência acadêmica nos PPG em literatura no Brasil.

Considerações finais

O crescimento exponencial da pós-graduação propicia certa fragilidade pela necessidade de formarmos tantos doutores em tão pouco tempo, sem que haja as condições estruturais apropriadas, como boas bibliotecas e tempo para a dedicação aos estudos. Nossos alunos em geral recebem sua formação em deslocamento, pouco usufruindo do ambiente universitário. O modelo de doutoramento usado na área de estudos literários, que enfatiza a pesquisa vertical desde as primícias e não exige maior número de créditos em disciplinas, precisa ser revisto, aproveitando da experiência de outras áreas que exigem visitas constantes aos periódicos acadêmicos e a convivência diária entre pesquisadores. Nossa cultura livresca está longe do efeito em cascata e do volume encontrável na indústria editorial europeia e norte-americana; em época de facilitação de acesso digital, precisamos todos nos abrir para outras formas de acesso ao conhecimento, com menor custo e maior densidade referencial. A pesquisa na área tenderá a ser maior e mais efetiva em termos éticos, no respeito ao estado da arte, quando buscarmos menos o número de produtos e mais a qualidade desses produtos.

Recebido em 15/04/2011

Aprovado em 24/08/2011

Referências bibliográficas

BORDINI, M. da G. A materialidade do sentido e o estatuto da obras literária em O Senhor Embaixador de Érico Veríssimo. In: ZILBERMAN, R. et al. **As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004. p. 199-276.

CORTESÃO, J. **Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid** (1735-1753).
Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1956.

DARNTON, R. The Library: Three Jeremiads. **New York Review of Books**,
23 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.nybooks.com/articles/archives/2010/dec/23/library-three-jeremiads/?pagination=false>>.
Acesso em: 10 mar. 2011.

LEADER, D. **The New Black: Mourning, Melancholia and Depression**.
Minneapolis: Graywolf, 2009.